

A relação entre escola e trabalho: a realidade social na perspectiva de crianças e adolescentes

Tania Paula Peralta

Francismara Neves de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

Na Epistemologia Genética, construir noções sociais é processo de relação entre experiências vivenciadas e construções cognitivas. O estudo de caso descritivo, de perspectiva qualitativa, objetivou analisar ideias de crianças e adolescentes acerca da relação entre as noções sociais de escola e trabalho. Participaram 12 alunos, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, de escola pública em um município paranaense. Os procedimentos de entrevista foram apoiados no método clínico-crítico piagetiano com uso de fotografias representativas de escola e trabalho. Considerou-se para análise, os níveis de compreensão da realidade social: predomínio dos aspectos explícitos; início da compreensão de conflitos entre diferentes posições e pensamento crítico da ordem social. Os resultados indicaram que a relação entre escola e trabalho é construção gradativa e, no caso do estudo realizado, não foi encontrado o nível III de compreensão social, mesmo nos participantes que frequentavam o Ensino Médio.

Palavras-chave: Teoria Piagetiana. Conhecimento social. Escola e trabalho.

The relationship between school and work: the social reality from the perspective of children and adolescents

Abstract

In Genetic Epistemology, building social notions is a process of relationship between lived experiences and cognitive constructs. The descriptive case study, from a qualitative perspective, aimed to analyze the ideas of children and adolescents about the relationship between the social notions of school and work. Twelve students have taken part, since elementary school first grades, until high school, from a public school in a Parana town. The interview procedures were supported in the clinical-critical method of Piaget through the use of representative photographs of school and work. It was considered for analysis the levels of understanding of social reality: predominance of explicit aspects; beginning of the understanding of conflicts between different positions and critical thinking of the social order. The results indicated that the relationship between school and work is a gradual construction and, in the case of the study, the level III of social understanding was not found, even in the participants who attended high school.

Keywords: Piaget's theory. Social Knowledge. School and work.



La relación entre escuela y trabajo: la realidad social en la perspectiva de niños y adolescentes

Resumen

En la Epistemología Genética, construir nociones sociales es proceso de relación entre experiencias vivenciadas y construcciones cognitivas. El estudio de caso descriptivo, de perspectiva cualitativa, objetivó analizar ideas de niños y adolescentes acerca de la relación entre las nociones sociales de escuela y trabajo. Participaron 12 alumnos, desde las series iniciales de la Enseñanza Fundamental hasta la Enseñanza Media, de escuela pública en un municipio del estado de Paraná, sur de Brasil. Los procedimientos de entrevista fueron apoyados en el método clínico-crítico de Piaget con el uso de fotografías representativas de escuela y trabajo. Se consideró para análisis, los niveles de comprensión de la realidad social: predominio de los aspectos explícitos; el inicio de la comprensión de conflictos entre diferentes posiciones y pensamiento crítico del orden social. Los resultados indicaron que la relación entre escuela y trabajo es construcción gradual y, en el caso del estudio realizado, no se encontró el nivel III de comprensión social, incluso en los participantes que frecuentaban la Enseñanza Media. Palabras clave: Teoría Piagetiana. Conocimiento Social. Escuela y Trabajo.

201

Introdução

Na perspectiva teórica piagetiana, o conhecimento social é construído nas interações que os sujeitos estabelecem com o meio e com o outro. Assim, tomando essa compreensão por base, teve-se como questão problematizadora do presente estudo: Como se manifesta, em diferentes momentos de escolaridade, o conhecimento social acerca do trabalho e sua relação com a escolarização?

○ conceito de escolarização é aqui tomado como amplo, no sentido de que envolve a escola, os procedimentos nela adotados, sua organização didático-pedagógica, a trajetória dos alunos, ou seja, ao tratar de escolarização considera-se, na fala dos participantes, todos os aspectos trazidos por eles que remetem à relação com a escola.

○ trabalho teve como objetivo geral analisar, no contexto das investigações a respeito do conhecimento social, que ideias crianças e adolescentes

de diferentes níveis de escolaridade apresentam acerca da relação entre escola e trabalho.

Participaram da pesquisa doze alunos regularmente matriculados nos 2º e 5º anos do Ensino Fundamental I; nos 6º e 8º anos do Ensino Fundamental II; e nas 1ª e 3ª séries do Ensino Médio, sendo dois alunos de cada ano de escolarização, de uma escola pública da cidade de Londrina, localizada na região norte do estado do Paraná.

Estudar as noções sociais acerca das temáticas abordadas é relevante tanto no campo teórico-metodológico apresentado, quanto para compreender os processos percorridos pelos sujeitos para conhecer o mundo social no qual vivem. Considera-se importante conhecer qual o entendimento que alunos possuem dos aspectos da vida humana e da organização em sociedade, das instituições sociais (escola, família, governo, entre outras) tanto para o desenvolvimento de práticas pedagógicas assertivas na escola, quanto para favorecer distribuição mais adequada de recursos políticos, financeiros, educacionais condizentes com os direitos básicos e necessidades reais desses grupos. As pesquisas nesse campo podem contribuir com a compreensão de como os sujeitos concebem o papel da escola em sua formação para o mundo adulto e acerca de como a escola estabelece mediações com o mundo do trabalho.

Delval (1989, 2002, 2006, 2007), Denegri Coria (1998), Guimarães (2012), Saravali (2014), Saravali, Guimarães, Guimarães e Melchiori (2011, 2012, 2013), Saravali e Guimarães (2007) evidenciam que o conhecimento da realidade social é uma construção que integra o sujeito epistêmico, psicológico e social no conhecimento e interpretação da realidade. E, nas palavras de Saravali, (2014, p. 7): “[...] as crianças transformam os fenômenos sociais em objetos de conhecimento, dando-lhes conceitualizações e ideias bastante singulares”.

Em relação à noção de trabalho, verifica-se que ela assume ampla dimensão na formação humana, visto que dele depende a sobrevivência de qualquer grupo social. Essa temática está presente na vida e no cotidiano das crianças e adolescentes, tanto na convivência com pessoas que trabalham quanto nas reflexões sobre esse tema frequente na mídia, na escola, nas conversas em grupos sociais, etc. Justamente por sua ampla interferência na constituição humana, a exemplo da vida escolar, participa dos distintos



momentos do ciclo vital do sujeito, oferecendo um conjunto de possibilidades de significações da vida em sociedade.

Portanto, voltar-se para esse campo de estudo é fundamental. Afinal, “[...] o trabalho permanece como referência dominante não somente economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente, fato que se comprova pelas reações daqueles que não o tem” (CASTEL, 1998, p. 611). O trabalho é muito significativo na vida e na formação das pessoas, e a escola exerce um papel importante nesse processo organizador do trabalho, da formação profissional e da vida social.

O conhecimento social na teoria piagetiana

Em consonância com o entendimento de que a realidade social é incorporada pelo sujeito por meio do processo de aprendizagem, cabe analisar a participação ativa do sujeito que conhece. Os estudos baseados na teoria piagetiana apresentam a compreensão de que o conhecimento não é simplesmente uma incorporação da realidade, mas sim um processo de construção ativa, resultante da interação do sujeito com o mundo. Neste sentido, embora a realidade seja fruto de construção social coletiva, ela precisa ser (re)construída pelo sujeito que a ela atribui sentido. Para atingir níveis elevados de compreensão, os indivíduos percorrem um longo caminho e passam, no decorrer do seu desenvolvimento, por níveis que possuem certa linearidade para todos os sujeitos (PIAGET, 1973).

Dos estudos que enfatizaram a relação entre os dois domínios, cognitivo e social e os processos análogos de construção, destaca-se Guimarães (2012) que comparou a noção social de ambiente e a construção das estruturas operatórias de inclusão, seriação e conservação, por meio de pré e pós-teste, nos quais empregou entrevista semiestruturada e três provas do diagnóstico do pensamento operatório. Os resultados da pesquisa mostraram que, de forma geral, a intervenção pedagógica foi eficaz para a evolução das noções ambientais e que há relação entre o desenvolvimento da noção social e a construção das estruturas lógico-elementares.

Assim, isso indica a pertinência de relacionar os domínios social e cognitivo na compreensão da realidade social, mostrando, na sequência, um balanço de estudos realizado por Saravali, Guimarães, Guimarães e Melchiori

(2013), no qual foram destacados os trabalhos de Delval (1989, 2002, 2006, 2007), realizados em vários países, inclusive no Brasil. Os estudos mostram o processo de construção das representações ou modelos de mundo que as crianças utilizam para imprimir sentido à realidade social nas diferentes culturas estudadas. Citam-se, ainda, os trabalhos de Denegri e Coria (1998); Guimarães (2012); Saravali, Guimarães, Guimarães e Melchiori (2011, 2012, 2013); Freire (2017), que, em sua proposição principal, estudaram os distintos modos de compreensão da realidade social, presentes em estudantes de diferentes níveis de escolaridade.

Destacam-se alguns desses estudos por apresentarem relação com o que foi tratado na pesquisa em questão. Delval e Del Barrio (1992) pesquisaram as noções de guerra e paz e, assim como no presente estudo, ouviram crianças e adolescentes de 6 a 14 anos sobre esses conceitos. Participaram daquele estudo 80 sujeitos que, por meio de entrevistas clínicas e cartas escritas para os protagonistas de grandes conflitos históricos, puderam expressar suas noções sobre as causas e soluções para guerras, questões sobre armas, papel dos países nesses conflitos. Investigaram, também, a noção de paz e o trabalho de pessoas em favor dela. Os resultados mostraram que, inicialmente, aparecem as ideias negativas sobre as guerras, com uma visão mais rudimentar sobre o tema; ao passo que, em relação às ideias sobre a paz, surgem de forma mais imprecisa, mostrando-se como a ausência de guerra. Foi verificada certa "superficialidade" nas respostas da maioria dos participantes e, igualmente, pôde ser observado nas respostas de crianças e adolescentes no trabalho realizado que originou o presente artigo. Em nosso entendimento, isso aponta para a importância de estudos que se dediquem a conhecer os processos de construção interna percorridos pelos sujeitos na compreensão da realidade social.

Sobre a noção trabalho, o estudo de Sierra e Enesco (1993) se aproximam de nossa investigação, pois estudaram como as crianças compreendem a questão do acesso a distintas profissões. Participaram da pesquisa 112 sujeitos espanhóis, com idades entre 5 e 17 anos, que foram submetidos a entrevistas baseadas no método clínico-crítico piagetiano. Por meio dos resultados, foram identificadas quatro categorias que mostraram que as ideias das crianças evoluíam com a idade. Verificou-se, ainda, que apenas crianças de 5 anos apresentavam respostas mais primitivas, ao passo que a maioria dos



sujeitos entrevistados já mostrava algum tipo de evolução nas respostas até chegar às mais elaboradas.

Enesco, Delval, Navarro, Villuendas, Sierra e Peñaranda (1995) apresentam o resultado de vários anos de pesquisa de campo e algumas reflexões sobre como crianças e adolescentes compreendem a organização hierárquica da sociedade, principalmente no que diz respeito ao trabalho e às atividades profissionais dos indivíduos. Os resultados obtidos pelos diferentes dispositivos utilizados permitiram estabelecer relações entre a idade dos sujeitos e seus conhecimentos sobre o mundo do trabalho, o efeito da origem e ambiente social nesse mesmo conhecimento e a possível influência dos dois meios estudados. Os pesquisadores apontaram que alguns elementos podem contribuir para a discussão dessas variáveis no desenvolvimento e aquisição de conhecimentos de crianças e adolescentes, sobre a organização social e, em particular, acerca da forma como explicam uma parte pequena desse tema complexo, especialmente do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento cognitivo.

Navarro e Enesco (1998) investigaram como crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos compreendem a mobilidade econômica. Participaram do estudo 100 sujeitos, 50 de cada país, e objetivaram realizar comparações entre os sujeitos mexicanos e espanhóis. Para tanto, utilizaram, como instrumento, entrevistas semiestruturadas, baseadas no método-clínico piagetiano, com análise de conteúdo – identificando categorias de respostas – e análise qualitativa. Nos resultados verificados, os pesquisadores concluíram que há pouca diferença nas noções dos sujeitos dos dois países em relação às descrições sobre ricos e pobres ou ainda sobre suas mobilidades socioeconômicas. É possível verificar uma interessante evolução no desenvolvimento das ideias, na qual as explicações sobre mobilidade social estão mais ligadas ao tipo de trabalho desempenhado e não mais ao roubo ou à vitória em um jogo.

Amar, Abello, Denegri, Llanos, Pardo, Villadiego, Florez e Duque (2006) investigaram como estudantes universitários entre 19 e 24 anos, da cidade de Baranquilla situada na Colômbia, compreendiam o fenômeno da pobreza, desigualdade social e mobilidade econômica. De acordo com os resultados, apenas 10% dos sujeitos entrevistados alcançaram o nível de pensamento esperado para a idade correspondente, o que se apresentou como uma situação preocupante, visto que os participantes se encontravam matriculados nos cursos de Direito, Administração de Empresas, Engenharia Industrial

e Psicologia, da classe média e alta. Os pesquisadores esperavam que os sujeitos pesquisados atingissem níveis mais elaborados sobre os fenômenos investigados.

Araújo e Gomes (2010) investigaram como estudantes de uma escola pública paulista compreendem a noção de mobilidade social. A entrevista teve caráter exploratório e embasou-se no método clínico-crítico de Piaget. Os resultados mostraram que a noção de mobilidade social é de difícil compreensão para os estudantes pesquisados. Percebe-se que a aprendizagem de conteúdos de ordem social não se dá subitamente.

Delval, Barriga, Hinojosa e Daza (2006) apresentam um estudo realizado com crianças que trabalham nas ruas do México, no qual investigam como esses sujeitos definem seus trabalhos, os sentidos e valores atribuídos a essa atividade e às circunstâncias em que o realizam. A maioria dos sujeitos entrevistados analisa o trabalho como forma de satisfazer as necessidades de sobrevivência, com uma noção de ajuda ao sustento de suas famílias. Os pesquisadores verificaram que, apesar de muitos entrevistados se definirem como "pobres", poucos manifestaram consciência sobre seus direitos.

206 À noção de trabalho, relaciona-se a noção de escola. Alguns estudos que investigaram a compreensão acerca da escola são por nós destacados. Cantelli (2000) pesquisou como crianças e adolescentes, entre 7 e 15 anos, representavam a noção de escola. Para tanto, utilizou como instrumento entrevista baseada no método clínico-crítico piagetiano, a fim de compreender como os sujeitos explicam a origem da escola, seu objetivo educacional e as funções das pessoas que ali trabalham. Com base nos resultados obtidos, o autor constatou que houve evolução nas representações sobre escola, conforme a idade, notando um processo de mudança conceitual. Isso pode ser justificado pelas experiências dos sujeitos com o passar do tempo.

Na mesma linha de análise, cita-se o trabalho de Silva (2009) que buscou saber quais as representações de crianças e adolescentes sobre o trabalho, bem como a relação entre trabalho e gênero. Utilizou, como instrumento, a entrevista e figuras que ajudaram a desencadear a reflexão sobre as questões. Com base nos resultados, foi possível observar que os sujeitos apresentaram respostas de nível mais elementar no qual pensavam não ocorrer divisão em relação ao trabalho; em um segundo momento, começaram a notar que trabalhar depende da pretensão do sujeito, que é necessário estudar e que



homens e mulheres podem trabalhar na profissão que desejarem. Em um nível de respostas, os sujeitos mostraram a compreensão de que a divisão não é natural, mas resultado de um processo histórico social injusto.

Em síntese, é possível elencar três aspectos acerca do conhecimento social na perspectiva piagetiana revelados nos estudos apresentados: 1. A noção que o sujeito possui de determinada temática é fruto das interações com o meio e das construções constituintes de sua condição humana, civilizatória. Portanto, conhecer as significações que crianças, adolescentes e adultos de diferentes idades possuem sobre a realidade social que os cerca, se torna de fundamental importância, no âmbito da atuação pedagógica. 2. O desenvolvimento humano é visto como sistêmico e integrado. Assim, o conhecimento social se integra aos demais domínios da construção do sujeito e constitui importante âmbito de investigação dos sentidos produzidos pelo sujeito ao longo de seu processo evolutivo. 3. O conhecimento social não pode ser explicado simplesmente pela via de leis e regularidades, visto que é um fenômeno complexo, de processo gradativo constituído por novas formas de interpretação e explicação da realidade social.

No entendimento de Dongo-Montoya, é possível compreender a sinergia entre a compreensão da realidade social por parte do sujeito e o mundo cultural que o cerca

207

Embora o mundo social e o mundo cultural sejam produtos de criações e recriações do homem, eles não deixam de ser fenômenos exteriores para o observador; estes, para serem conhecidos, precisam ser elaborados em níveis cada vez mais profundos. Os fenômenos sociais, igualmente aos fenômenos físicos, são conhecidos de modo cada vez mais objetivos, à medida que o sujeito os organiza em sistemas de composição operatória e penetra nos seus processos e transformações mais profundas (DONGO-MONTOYA, 2013, p. 59).

Neste sentido, o conhecimento não está nos objetos, tampouco no sujeito a priori; assim, as noções sociais que o sujeito constrói acerca da realidade vão se tornando cada vez mais complexas à medida que ele vivencia novas experiências na realidade na qual está inserido que permitem e o convidam a novas regulações em níveis mais elaborados de compreensão cognitiva e social

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como qualitativo, de abordagem descritiva, na modalidade de estudo de caso tomando por base o método clínico-crítico.

A pesquisa qualitativa apresenta-se como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que buscam descrever e conhecer um contexto de significados complexos. No contexto do estudo realizado permitiu acessar o significado do mundo social, reduzindo a distância entre o indicador e o indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Nessa abordagem “[...], o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científica, os significados patentes e ocultos do seu objeto de estudo” (CHIZOTTI, 2003, p. 23).

Em relação ao estudo de caso, Severino (2016) alerta que essa modalidade de pesquisa elege uma situação específica como representativa de um conjunto de casos análogos, respeitando os princípios da pesquisa de campo. Mais especificamente define Yin (2015) que o estudo de caso está relacionado às pesquisas que buscam explicar uma circunstância específica cuja pergunta principal seja orientada por “como”, “quais” ou “por que”. O estudo realizado buscou investigar quais noções eram apresentadas pelos participantes e como se relacionavam.

À guisa de especificação acerca do estudo de caso descritivo, apoiou-se em 4 princípios básicos, definidos por Yin:

[...] o mais importante é explicar os presumidos vínculos causais nas intervenções da vida real que são demasiado complexos. Uma segunda aplicação é descrever uma intervenção e o contexto da vida real onde ela ocorreu. Em terceiro lugar, os estudos de caso podem ilustrar determinados tópicos em uma avaliação, novamente em um modo descritivo. Em quarto lugar, a estratégia de estudo de caso pode ser usada para explorar as situações em que a intervenção sendo avaliada não possui um único e claro conjunto de resultados (YIN, 2015, p. 20).

Neste sentido, verifica-se que os estudos de caso não procuram, necessariamente, a generalização dos resultados, mas sim a compreensão e interpretação mais profunda dos fatos e fenômenos específicos. Ainda que não



possam ser generalizados, os resultados alcançados devem possibilitar a disseminação do conhecimento, por meio de possíveis proposições teóricas que podem surgir do estudo (YIN, 2015).

Compreende-se, portanto, que a escolha do estudo de caso é compatível com o método clínico-crítico piagetiano que se propõe a analisar as manifestações do pensamento dos participantes, se ocupa em descrever os níveis de respostas emitidos e generalizar a descrição e interpretação dos resultados a situações análogas de desenvolvimento do pensamento, manifesto nas explicações da realidade social.

Assim, evidencia-se que emergiu dos dados no momento da organização dos resultados, a seguinte unidade de análise: Relações consideradas possíveis pelos participantes, entre as noções de escola e de trabalho. Vale ressaltar que ela difere das distintas classes de perguntas norteadoras da entrevista que compôs a coleta de dados (Yin, 2015), mas foi produzida no interior dessas categorias ou classes de temas investigados.

Relacionando a especificidade da unidade de análise do estudo de caso ao método clínico-crítico, tem-se a intervenção sistemática perante as respostas dos participantes, visando estabelecer uma interação. Nela, tanto o sujeito é ativo na produção das respostas como o pesquisador o é na interpretação e proposição de novos desencadeadores ao pensamento manifesto. Por compreender a necessidade de diferenciar, no que é possível, a interpretação do pesquisador e o sentido produzido pelo sujeito, adotou-se, neste estudo, a análise das respostas dos participantes por observadores externos, com a participação de juízes (FAGUNDES, 1981).

Em consonância com essa forma de explicar o avanço na compreensão do conhecimento social, Delval (2002) propõe alguns níveis que indicam características gerais que os sujeitos podem apresentar no conhecimento social. Por meio do estudo dos níveis, é possível proceder a uma análise criteriosa das respostas declaradas e propor possíveis intervenções para auxiliar nas construções dos sujeitos.

O primeiro nível encontrado se estende até os 10-11 anos, quando os sujeitos têm como base os aspectos mais visíveis e não consideram os processos ocultos e implícitos, comuns em questões sociais. Possuem, ainda, dificuldades para lidar com diferentes vertentes e considerar a existência de conflitos. As explicações desse nível “[...] baseiam-se nas aparências, no que é mais visível,

no que se percebe diretamente. Os fenômenos sociais apoiam-se em imagens pouco conectadas entre si e bastante estereotipadas [...]” (DELVAL, 2002, p. 224). Há, portanto, uma compreensão parcial da realidade.

O segundo nível se estende dos 10-11 anos aos 13-14 anos (DELVAL, 2002). Os sujeitos desse nível começam a considerar os aspectos não visíveis. Ocorre uma percepção maior dos conflitos, porém não são capazes ainda de levar em consideração diferentes pontos de vista.

No terceiro nível, que se inicia a partir dos 13-14 anos, verifica-se que os fatores ocultos e as diferentes variáveis passam a ser consideradas. Os sujeitos possuem mais informações sobre o meio social e são capazes de relacioná-las e integrá-las num sistema mais coerente. “Os sujeitos se tornam muito mais críticos em relação à ordem social existente, emitem juízos sobre o que é certo e o que não é e propõem soluções alternativas” (DELVAL, 2002, p. 231).

Conforme Delval (2002), quando se solicita a sujeitos de diferentes faixas etárias explicações sobre o funcionamento da sociedade, pretende-se encontrar nas respostas dos participantes, as concepções de mundo subjacentes utilizadas por eles para organizar suas explicações sobre o tema solicitado. A organização da compreensão interna sobre a realidade externa envolve coerência gradativa, resolução de contradições e constância evolutiva.

210

Participantes

A escolha dos participantes buscou ampliar a extensão em idade com intuito de garantir alunos matriculados em diferentes anos de escolaridade visando encontrar níveis diferentes de compreensão da realidade social, considerando as condições brasileiras de organização da relação idade/série de escolaridade. A amostra abrangeu, portanto, o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio com a seguinte composição: 2 alunos do 2º ano (7 anos), 2 do 4º ano (8 e 9 anos) do Ensino Fundamental I. Do Ensino Fundamental II, participaram 2 alunos do 6º ano (10 anos) e 2 do 8º ano (14 anos). Também compuseram a amostra 4 alunos matriculados no Ensino Médio (EM), sendo dois da 1ª série (14 anos) e dois da 3ª série (16 anos).



Materiais e instrumentos

O presente estudo adotou os pressupostos da pesquisa qualitativa, e foi composto por entrevista apoiada no método clínico-crítico. Como não há instrumento de entrevista clínica específico, foi necessário construí-lo. Na sua elaboração, tomou-se por base outras pesquisas que abordaram temática semelhante e que foram fundamentadas no método clínico-crítico, em consonância com os objetivos da nossa pesquisa. Utilizaram-se fotografias de todas as situações propostas aos participantes como forma de contextualizar a temática proposta na entrevista.

Para tanto, foram disponibilizados cartões com imagens que suscitavam as seguintes questões: O que você pensa sobre a escola e o que acontece nela? Como sua família vê a escola? Como a escola incentiva você a estudar? Quais suas perspectivas em relação ao mundo do trabalho? Você acha que todos têm chance de conseguir um bom trabalho? Você conhece pessoas que não estudaram e têm um bom trabalho/salário? As figuras foram impressas em tinta colorida, papel couchê e plastificadas, com a finalidade de conservá-las para a realização em todas as entrevistas. Após a elaboração do roteiro, foi realizado um estudo piloto para testar a forma de perguntar e como desencadear questionamentos além das perguntas iniciais da entrevista clínica. Posteriormente à experiência, as adequações necessárias foram incorporadas e, assim, os dados puderam ser coletados.

211

Resultados e discussões

Inicialmente, apresenta-se, no Quadro 1, um demonstrativo da idade e do ano de escolarização dos participantes, bem como o nível de noção social em que cada um deles foi caracterizado neste estudo. Entretanto, ao serem apresentados esses dados, faz-se necessário chamar a atenção para o fato de que, na perspectiva teórica piagetiana, o desenvolvimento humano não é fruto de processo maturacional e, embora essa seja uma condição necessária ao desenvolvimento, não lhe é suficiente. Assim, a idade e a série de escolaridade não são caracterizadores do pensamento, apenas norteiam a compreensão dos níveis evolutivos descritos. Vale ressaltar que, no campo teórico adotado,

idade, período ou estágio de pensamento são indicadores da consolidação de construções que lhe antecederam.

Quadro 1

Distribuição dos participantes por nível identificado

Participantes	Nível
S1 - 2º AIEF (7a)	I
S2 - 2º AIEF (7a)	I
S3 - 4º AIEF (9a)	I
S4 - 4º AIEF (8a)	I
S5 - 6º AFEF (10a)	I
S6 - 6º AFEF (10a)	II
S7 - 8º AFEF (14a)	II
S8 - 8º AFEF (14a)	II
S9 - 1º EM (14a)	II
S10 - 1º EM (16a)	II
S11 - 3º EM (19a)	II
S12 - 3º EM (19a)	II

Legenda | a = anos (idade); AIEF = Anos Iniciais do Ensino Fundamental; AFEF = Anos Finais do Ensino Fundamental; EM = Ensino Médio.

Fonte | As autoras.

Noções sociais de escola e de trabalho reveladas pelas crianças e adolescentes

Pensamento encontrado nos participantes do nível I

É importante observar, no primeiro nível de interpretação da realidade social (DELVAL, 2002), que os conceitos que as crianças usam para explicar a realidade são diferentes dos níveis que o sucedem e isso não ocorre apenas por darem respostas mais simples, mas também pelas relações que estabelecem com os conceitos. Delval (2002, p. 221), analisando a noção social de



trabalho, afirma que “[...] o conceito de trabalho vai assumindo significados distintos [...] e o que a criança entende por trabalho modifica-se. As crianças não têm um conceito que seja explícito e que esteja bem elaborado [...]”.

De acordo com o pesquisador, essa primeira forma de entender a realidade social evidencia-se no apego aos aspectos que são mais visíveis em determinada situação, ou seja, no que pode ser observado pela via da percepção, não considerando os processos ocultos a serem deduzidos. Nota-se que, para os sujeitos desse nível, os fenômenos sociais são baseados em imagens ou significados externos e não têm muita conexão entre si.

Tal fato fica evidente na fala do entrevistado S1-7 ANOS (2016) quando questionado sobre a razão de estudar: “Porque a minha mãe quer o melhor pra mim”. Outro exemplo advém da resposta do participante S2-7 ANOS (2016) que responde à pergunta: Você considera importante estudar? Por quê?

Sim. Porque fica mais inteligente, aprende mais coisa e consegue um emprego bom. Qual emprego é bom? É... quem trabalha em condomínio, motorista, zelador, professor, professor de educação física. Esses são bons? São. Por quê? Ganha bem (S2-7 ANOS, 2016).

213

Embora a resposta de S2 apresente mais elementos que a de S1, nos dois casos são elementos externos que definem a razão de estudar: a mãe indicar que isso é bom ou ganhar bem, considerando as profissões que ele conhece em seu contexto social direto. Interessante observar a falta de relação entre essas profissões e as demais, que, no caso da realidade brasileira, representam profissões de baixa remuneração para a grande maioria dos profissionais que as exercem.

No questionamento seguinte a resposta do participante S3-9 ANOS (2016) permite perceber que não há conexão entre a fala (provavelmente uma repetição do que ouve no seu contexto social) e o modo como se percebe nesse processo, pois, diante da pergunta “Você considera que se você estudar vai ter um emprego melhor, com melhores salários?”, responde:

Não, acho que emprego melhor sim, mas o salário acho que não faz diferença. Por quê? Não sei explicar. Você acha que se você tiver um emprego melhor, o salário não vai ser melhor? Pode até ser,

mas tem alguns empregos que não aumenta o salário. Por exemplo, você quer ser médico talvez, né? Você acha que se você estudar bastante pra ser médico como vai ser o seu salário? Vai ser melhor que o que o seu pai ganha? Não sei, acho que sim (S3-9 ANOS, 2016).

Esse nível simboliza a visão mais elementar em relação ao mundo do trabalho. Para esses sujeitos, tanto a escola como o trabalho aparecem como necessários ao ordenamento da vida diária, sem diferenciação entre os tipos de trabalhos e sem apresentar uma relação explicativa, causal entre escola e trabalho (DELVAL, 2002).

Delval (2002) mostra que, nesse nível, há uma representação mais primitiva em relação ao mundo do trabalho. Tal característica pode ser identificada na fala do participante:

Você conhece pessoas que não estudaram e tem um bom trabalho/salário? Você acha que isso pode acontecer? Pode. Porque as pessoas às vezes elas mostram o que elas sabem, mas às vezes não sabem. Elas fingem que sabem. Será que elas conseguem continuar no trabalho? Acho que sim. Será que um dia vão descobrir que elas não estudaram? Sim. O que será que pode acontecer? Elas vão ser expulsas do trabalho (S4-8 ANOS, 2016).

Outra característica importante desse nível em relação à realidade social é que ela é concebida como formação de sistemas pouco relacionados entre si, se assemelhando a um território formado por ilhas que pouco se inter-relacionam (SILVA, 2009). Nesse contexto, cabe observar a fala a seguir:

Você considera importante estudar? Por quê? Sim. (Silêncio). Você já pensou um pouquinho sobre isso? Por que você vem para escola? Por que estuda? Acho que é bom estudar pra aprender coisas novas. E por que a gente tem que aprender coisas novas? Porque senão nós não vamos saber de nada quando crescer. Por que quando a gente cresce a gente tem que saber das coisas? Senão a gente não consegue fazer as coisas. Que tipo de coisas? Trabalho (S5-10 ANOS, 2016).

Nota-se a dificuldade do sujeito para refletir sobre o papel da escola e estabelecer relação com o trabalho, considerando-os elementos de um mesmo contexto social. Quando o faz, por meio da provocação ao seu pensamento,



a resposta é fragmentada, compreendida por partes que não se integram, pois ainda não conseguem apresentar uma visão mais ampla dos sistemas sociais e suas relações.

Conforme Delval (2002): “Ao considerar apenas o aparente, as crianças não entendem os processos subjacentes aos que não se vê. As mudanças que se produzem na sociedade são mudanças súbitas” (DELVAL, 2002, p. 225). É interessante observar como esse modo elementar é substituído por explicações mais elaboradas no nível II, com relações entre escola e trabalho, conforme será analisado a seguir.

Pensamento encontrado nos participantes do nível II

No nível II (DELVAL, 2002), os sujeitos começam a perceber aspectos que não estão explícitos nas situações. Nesse nível de pensamento, já são capazes de propor novas relações que diferem do primeiro nível e começam a compreender a inter-relação entre os sistemas.

O participante S6, por exemplo, enfatiza essa característica quando questionado sobre a diferença entre as pessoas que estudam e as que não estudam:

As que estudam se dão bem, vão ter uma profissão. As que não estudam não vão ter profissão muito boas. Você acha que o principal objetivo para uma pessoa estudar é para ela ter uma boa profissão? Não, também para viajar, conversar com outras pessoas de outros países. Então, é para ter a profissão e para poder viajar. Mas é para ela ganhar dinheiro e viajar ou para viajar por causa do trabalho? Não, só se ela quiser. Porque se você for para os Estados Unidos você tem que saber pelo menos um pouco da língua (S6-10 ANOS, 2016).

Outra característica evidenciada na fala do participante S6 é que “A criança se torna muito menos onipotente porque passa a conhecer a realidade e a entender que, para transformá-la é necessário submeter-se a ela [...]” (DELVAL, 2002, p. 230). Quando o sujeito comenta que, para ir a outro país é importante ter conhecimento da língua, ele mostra essa descentralização e uma visão mais global da realidade.

Ao perguntar ao entrevistado S7, outro exemplo deste nível, se faz diferença a quantidade de tempo que a pessoa estudou, ele respondeu:

Eu acho que sim, às vezes quem estudou mais pode se preparar mais para um concurso, às vezes envolve a questão dos conhecimentos gerais, envolve redação e muitas contas matemáticas. Eu acho que quem tem um grau de escolaridade maior vai melhor nessas provas, porque ele já sabe mais da matéria e não faz tanto tempo assim que ele parou de estudar. Então, eu acho que quanto maior o grau de escolaridade melhor para o trabalho e outras atividades da vida (S7-14 ANOS, 2016).

A fala do sujeito mostra um importante aspecto do nível II, as coisas não existem em abundância, ou seja, há limitações de acesso. Por isso é importante se preparar e, muitas vezes, competir para conquistar algo que almeja. No caso, ele enfatiza a importância da preparação escolar para ter um bom trabalho. Além disso, relaciona o conhecimento adquirido, às demais "atividades da vida", o que evidencia uma visão de conjunto capaz de compreender que os elementos de uma dada realidade se afetam. É interessante observar que, mesmo não tendo atingido a compreensão da mutualidade entre os elementos em interação (escola sendo afetada pelas demais forças das "atividades da vida"), característica do nível III de pensamento, demonstra ser capaz de pensar a escola afetando amplamente os domínios sociais.

216

Os sujeitos nesse nível começam a compreender a existência de conflitos, a questão dos interesses divergentes ou pontos de vista distintos e que há situações que não dependem, apenas, da bondade ou maldade das pessoas, ou ainda que há razões morais envolvidas. Entendem que muitos conflitos estão ligados a interesses e que, muitas vezes, as oportunidades são escassas e não estão ao alcance de todos (DELVAL, 2002).

Você acha que a questão salarial pode influenciar para que uma profissão seja boa ou não? É, com essa crise eu acho que é mais isso, porque agora as pessoas não estão mais indo pro lado do que elas gostam e sim pelo que vai dar dinheiro e o que não vai dar, por exemplo, se eu não gosto de medicina, mas aquilo dá dinheiro eu não vou estudar mais o que eu quero, eu vou estudar medicina porque lá ganha dinheiro, é uma coisa que todo mundo pensa agora, mas eu não penso assim (risos) Eu gosto mesmo de medicina (S8-14 ANOS, 2016).

Na fala do participante S8-14ANOS (2016), nota-se uma percepção da realidade de que nem sempre as pessoas fazem o que gostam, visto que



o interesse financeiro ou status pode ser um aspecto definidor da escolha da profissão. Ademais se percebe a nítida relação entre profissão, formação do profissional e trabalho.

Outro aspecto fundamental, nesse nível, é o surgimento de um novo tipo de relação que permite a consideração da existência de papéis sociais. Os sujeitos têm a percepção de que se relacionam uns com os outros e levam em consideração esses papéis, compreendendo que há situações que fogem ao seu controle, surgindo, assim, um sentimento de reciprocidade. Os sujeitos começam a entender que os papéis sociais exigem o desempenho de funções distintas e especificidades. Inicia-se a compreensão de que partes se inter-relacionam na constituição de um conjunto sistêmico.

Por que você acha que há tantas diferenças socioeconômicas entre as pessoas em nossa sociedade? Isso tem a ver com estudar? Por quê? Tem umas pessoas que sabem gastar o dinheiro, sabem administrar e tem outras que não, não sabe comprar casa essas coisas e também tem o nome sujo, não paga as contas, aí fica mais difícil pra comprar casa e tem pessoas que estudaram sempre pra ter um amanhã melhor e as outras não ficaram sei lá, na rua. E você acha que essas outras pessoas que não estudaram, não tem um bom emprego, porque elas não querem? Na maioria das vezes sim, e outras vezes não. Tem vez que acontece o quê? Tem caso que tem que ajudar o pai a trabalhar, daí não tem como estudar, essas coisas (S9-14 ANOS, 2016).

217

Verifica-se, portanto, que, no nível II, os sujeitos não estão mais presos às posições egocêntricas, o que possibilita considerarem mais de um aspecto por vez, diferentes perspectivas e aprimorarem seu pensamento por meio da descentração. Ao estabelecer relações entre aspectos que não eram capazes de perceber no nível anterior, os sujeitos realizam novas inter-relações, o que possibilita a realização de hipóteses ou inferências sobre diversos aspectos da realidade, independente dos argumentos serem corretos ou não. São hipóteses criadas como caminhos do pensamento descentrado.

Todas as aquisições do nível II preparam o sujeito para a transposição do pensamento ao nível III, que tem, como principal característica, a capacidade de trabalhar com diferentes pontos de vista e, ao mesmo tempo, refletir sobre os possíveis, levando em consideração processos que estão ocultos. Assim, os sujeitos são capazes de analisar as diversas possibilidades de uma

mesma situação, pois já possuem mais informações sobre o funcionamento da sociedade e conseguem integrá-las, percebendo, desta forma, a relação entre os sistemas.

O que se observa, nas falas dos participantes apresentados a seguir, é que estão em transição para o nível III, pois não são capazes de um aprofundamento das questões levantadas na reflexão acerca da realidade social. Elegem hipóteses e as percebem como possibilidades, mas não as analisam de modo integrado, por isso são ainda caracterizados como nível II. Entretanto, suas respostas são mais elaboradas e há apenas indícios de percepção de conjunto. Outras pesquisas (BARROSO, 2000; CANTELLI, 2000; SARAVALI, GUIMARÃES, GUIMARÃES, MELCHIORI, 2013) que tratam do conhecimento social apresentaram resultados semelhantes, nos quais foi verificado que poucos participantes manifestam uma compreensão mais elaborada do mundo social, no nível III, no caso de estudantes brasileiros.

O participante S10-16ANOS (2016) leva em consideração mais aspectos da realidade social e demonstra uma perspectiva mais abrangente sobre a função da escola na vida dos sujeitos. Isso confirma um dos pressupostos centrais da teoria de Piaget (1975) – nada há em um nível de condutas do sujeito que não tenha sido construído em níveis anteriores de elaboração – justificando um processo espiralado de construções contínuas que supõem equilíbrios e reequilíbrios. Eis um trecho do protocolo de entrevista do participante:

Você considera importante estudar? Por quê? Sem profissão hoje em dia a gente não é nada. Você acha que a escola é importante no sentido profissional, certo? E em outro sentido? Eu acho que ajuda a gente também a lidar com os problemas lá fora, ajuda a gente a conviver melhor com as pessoas, porque aqui dentro tem vários tipos de pessoas e a gente acaba aprendendo a viver com esses diversos tipos de pessoas (S10-16 ANOS, 2016).

Nota-se, na fala do participante S10-16 ANOS (2016), que ele é capaz de trabalhar com mais de uma possibilidade advinda dos distintos papéis que a escola pode desempenhar na vida de uma pessoa, porém não há ainda amplitude maior na resposta dele. Há um caminho de mão única, subentendido na fala: escola > profissão > interação com diferentes estilos pessoais no cotidiano. Não é notória, na fala, ainda, a possibilidade de a



escola, da profissão ser afetado também pela interação com os distintos tipos de pessoas: escola <> profissão <> interação com diferentes estilos pessoais.

Em face da questão: Você acha que todos têm chance de conseguir um bom trabalho? Outro exemplo advém do participante S11 que apresentou a seguinte resposta:

É um meio termo, porque tem empresa que abre oportunidade pra quem não tem experiência, agora tem empresas que não. Que buscam dar oportunidade só pra quem já trabalhou na área, pra quem já tem o perfil dela, essas pessoas que já tem o perfil, é muito fácil se dar bem, né? Falta as empresas, sei lá, abrir mais as portas para que todos possam ter um bom emprego, porque não é porque eu pareço ser uma coisa que eu não vou conseguir dar conta do que eu vou fazer (S11-19 ANOS, 2016).

Uma importante característica de condutas do nível III de elaboração da noção social é que “[...] Os sujeitos têm muito mais informações sobre o funcionamento social, mas, sobretudo sabem como integrá-las ou procuram fazê-lo. [...]” (DELVAL, 2002, p. 231). Na fala do sujeito S11-19ANOS (2016), esse processo se manifesta, ainda que incipiente, visto que apresenta uma capacidade de compreensão mais ampla do funcionamento social, ao relacionar a formação com a experiência e perfil exigidos no mercado de trabalho. Mas ainda não envolve múltiplos possíveis na análise, atribuindo explicação unilateral ao problema proposto (se todos têm acesso ao mercado de trabalho).

O mundo dos adolescentes e jovens é de uma riqueza incomparavelmente maior que o das crianças, pois eles possuem a capacidade de analisar diferentes pontos de vista, sendo ainda capazes de “[...] experimentar com o pensamento para criar mundos possíveis e examinar esses mundos possíveis para avaliar se poderiam funcionar, se não são contraditórios [...]” (DELVAL, 2002, p. 231). Tal capacidade pode ser verificada na fala a seguir:

O que você acha que poderia ser feito para resolver as diferenças socioeconômicas que existem em nossa sociedade? Melhorar a qualidade do ensino, porque se todo mundo tiver a mesma oportunidade e ter o mesmo ensino, todo mundo vai ter a mesma oportunidade e só vai depender da escolha dela, só isso, a única coisa que vai mudar é a escolha. Se todos tiverem a mesma oportunidade de ensino, tanto no fundamental quanto no médio, elas vão ter a mesma oportunidade, só vai depender das escolhas dela,

daí ela pode fazer a faculdade que ela quiser, ou não fazer uma faculdade, depende. Você acha que tem vaga pra todo mundo que quiser fazer faculdade? Eu acho que não, pública não, tem as faculdades particulares, mas faculdade pública não, é muito difícil. Tem que se dedicar demais, eu conheço pessoas que querem passar em medicina estão há 3 anos estudando, então tipo não é fácil, é muito concorrido, então tem que se dedicar, não tem vaga pra todo mundo que quer se qualificar, porque não é fácil (S12-19 anos, 2016).

Delval (2002) salienta que, no período III, aparecem as ideologias, as diferentes visões de mundo, que podem ou não concordar entre si. As explicações podem se apresentar diversificadas em termos de opções do que se toma como ponto de vista pessoal ou social. É interessante observar a evolução do pensamento social desde o nível I até o III, e a forma como os sujeitos se posicionam diante da realidade social pode demonstrar o que a teoria piagetiana defende: o conhecimento social que é uma construção dinâmica, gradual, mediada pelas interações do sujeito no mundo que o cerca e envolve o desenvolvimento cognitivo na explicação das relações entre os sistemas sociais.

Constatem-se, na fala dos participantes S10-16ANOS, S11-19ANOS e S12-19ANOS (2016), características que mostram uma evolução para o nível III, porém ainda não classificá-los como estando nesse nível de pensamento, pois não atingiram a profundidade necessária, apresentada em relação à compreensão da realidade social (DELVAL, 2002). Mas esse fato é extremamente interessante para reafirmar duas importantes posições: a compreensão da realidade social não é fruto de incorporação das informações presentes no meio assim como não é garantido pela ascensão da idade ou por processos maturacionais individuais de desenvolvimento. Supõe trabalho integrador, construtor, regulador de si mesmo e da realidade na qual está inserido.

Considerações finais

O presente trabalho de fundamentação piagetiana e, em especial, na compreensão da construção do conhecimento social, buscou verificar os distintos modos por meio dos quais crianças e adolescentes significam a realidade social no que concerne às noções de trabalho e escola.



Para verificar o nível do conhecimento social dos sujeitos, foram realizadas entrevistas clínicas baseadas no método clínico-crítico, com o intuito de investigar os processos de pensamento percorridos por alunos de diferentes séries de escolarização na construção do conhecimento, em sua dimensão social. Durante as entrevistas, procurou-se questionar as respostas como forma de captar os sentidos implícitos nas falas dos sujeitos e quais os motivos que os levaram a tais reflexões. Com isso, pôde-se compreender melhor a proposta da teoria piagetiana, de que é necessário ir além do que está aparente, ou na superfície, pois o conhecimento se constrói nas relações e isso se dá de forma complexa. Afinal, as relações que o sujeito estabelece com os outros e/ou com os objetos são fundamentais nas possibilidades de conhecer o mundo que o cerca e estabelecer trocas nele.

Os resultados apontaram como dado significativo que nenhum dos sujeitos pesquisados conseguiu atingir o terceiro nível de compreensão da realidade social, no que concerne às noções de trabalho e escola. Isso confirmou o que foi apontado por estudos brasileiros, o atraso no desenvolvimento do nível III de conhecimento social, em relação a outros países, conforme comentado na discussão teórica deste estudo. Tal constatação oportuniza refletir acerca do que está ocorrendo com nossos estudantes que não conseguem um aprofundamento em suas respostas e não atingem as características pertencentes a esse terceiro nível, relacionando-as e integrando-as num sistema mais coerente. Seria uma questão social? Educativa? O problema estaria nas políticas educacionais, governamentais? Na escola e sua organização pedagógica? Na família? Enfim, são distintos aspectos a serem investigados em estudos futuros que poderão contribuir com a compreensão acerca da realidade do alunado brasileiro em relação ao conhecimento social, bem como nortear novas propostas de ação e trabalho pedagógico.

Essas questões oportunizaram refletir, de modo mais específico, acerca de práticas pedagógicas favorecedoras de desenvolvimento do conhecimento social nas escolas, visto que ela consiste em importante sistema responsável pelo processo formativo dos estudantes. Trabalhar a produção de sentidos sobre a escola e compreender sua relação com o mundo do trabalho, na percepção de alunos em formação, é relevante para orientar ações dos sujeitos no mundo social.

Os estudos sobre conhecimento social exercem uma função vital nesse contexto, pois, ao conhecer o que o sujeito pensa, é possível intervir e trabalhar

visando à construção de conhecimento, politizando, problematizando, favorecendo construção de noções e possibilitando análise dos fenômenos sociais sob diferentes perspectivas.

Não se pretende aqui encerrar esse assunto. Pelo contrário, considera-se a escassez de trabalhos nessa perspectiva teórica. Além disso, os resultados deste estudo produziram preocupação em relação ao fato dos participantes não terem atingido o nível mais elaborado no conhecimento social, mostrando dificuldade em aprofundar e estabelecer relações entre os aspectos abordados. A interpretação dos resultados permite uma generalização das dificuldades de articulação e aprofundamento na análise dos fenômenos sociais para questões mais amplas da conjuntura política social atual. Como essa situação também foi relatada em outras pesquisas brasileiras, nota-se que é um fenômeno social que precisa ser analisado com cuidado e cientificidade. Por isso, acredita-se ser interessante o fortalecimento das pesquisas sobre conhecimento social e uma atenção especial aos sujeitos que não estão atingindo esse nível mais elevado de reflexão das temáticas propostas.

222

Referências

AMAR, José Amar; ABELLO, Raimundo; DENEGRÍ, Marianela; LLANOS, Marina; PARDO, Mildred; VILLADIEGO, Tulia; FLOREZ, Carol; DUQUE, Shirley. Representaciones acerca de la pobreza, desigualdad social y movilidad socioeconómica em estudiantes universitarios de la ciudad de Barranquilla, Colombia. **Investigación y desarrollo**, Barranquilla, v. 14, n. 2, p. 312-329, out./nov. 2006.

ARAÚJO, Ariella Silva; GOMES, Ligiane Raimundo. A noção de mobilidade social em adolescentes. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 38, p. 193-204, set./dez. 2010.

BARROSO, Larissa Machado de Souza. **As ideias das crianças e adolescentes sobre seus direitos**: um estudo evolutivo à luz da teoria piagetiana. 2000. 328f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CANTELLI, Valéria Cristina Borsato. **Um estudo psicogenético sobre as representações de escola em crianças e adolescentes**. 2000. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.



CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, Cortez, 2003.

DELVAL, Juan. La representación infantil del mundo social. In: TURIEL, Elliot; ENESCO, Ileana; LINAZA, José (Coord.). **El mundo social en la mente del niño**. Madrid: Alianza, 1989.

_____. **Introdução à prática do método clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Manifesto por uma escola cidadã**. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Papyrus, 2006.

_____. Aspectos de la construcción del conocimiento sobre la sociedad. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 30, p. 45-64, nov. 2007.

DELVAL, Juan; BARRIGA, Díaz; HINOJOSA, María Luisa; DAZA, Diana. Concepciones sobre el trabajo en menores que trabajan en la calle en la ciudad de México. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, Cidade do México, v. 11, n. 31, p. 1337-1362, out./dez. 2006.

DELVAL, Juan; DEL BARRIO, Cristina. Las ideas de los niños acerca de la guerra y la paz. In: MORENO MARTÍN, Florentino; JIMÉNEZ BURILLO, Florencio (Coord.). **La guerra**: realidad y alternativas. Madrid: Computense, 1992.

DENEGRI CORIA, Marianela. A construção do conhecimento social na infância e a representação da pobreza e desigualdade social: desafios para a ação educativa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DO PROEPRE, 15., 1998, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

DONGO-MONTOYA, Adrián Oscar. Resposta de Piaget a Vygotsky: convergências e divergências teóricas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n.1, p. 271-292, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 jul. 2016.

ENESCO, Ileana; DELVAL, Juan; NAVARRO, Alejandra; VILLUENDAS, Dolores; SIERRA, Purificación; PEÑARANDA, Ana. **La comprensión de la organización social en niños y adolescentes**. Madrid: CIDE, 1995.

FAGUNDES, Antonio Jayro da Fonseca Motta. **Descrição, definição e registro de comportamento**. São Paulo: Edicon, 1981.

FREIRE, Julise Franciele de Carvalho. **Direito de expressão, protesto e greve**: Noções Sociais contruídas por alunos de diferentes níveis de escolaridades e os processos de generalização. 2017. 125 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

GOODE, William; HATT, Paul. **Métodos em Pesquisa Social**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

GUIMARÃES, Taislene. **As ideias infantis a respeito da escola e do professor**: um estudo comparativo acerca da construção do conhecimento social em ambientes sócio-morais e construtivistas e ambientes tradicionais. 2007. 211f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

_____. **Intervenção pedagógica e noções sobre o meio ambiente**: a construção do conhecimento social à luz da epistemologia genética. 2012. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

NAVARRO, Alejandra; ENESCO, Ileana. Las ideas infantiles sobre la movilidad socioeconômica: un estudio con niños mexicanos y españoles. **Infancia y Aprendizaje**, Madrid, n. 81, p. 27-44, jan.1998.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **A equilibração das estruturas cognitivas**: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

S1-7ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 26 maio 2016.

S2-7ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 12 maio 2016.

S3-9ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 19 maio 2016.

S4-8ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 13 maio 2016.

S5-10ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 11 maio 2016.

S6-10ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 26 maio 2016.

S7-14ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 27 maio 2016.

S8-14ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 1º jun. 2016.

S9-14ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 1º jun. 2016.

S10-16ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 27 maio 2016.

S11-19ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 25 maio 2016.

S12-19ANOS. **Entrevista**. Londrina (Paraná), 11 maio 2016.



SARAVALI, Eliane Giachetto. **A construção de mecanismos do desenvolvimento cognitivo e o conhecimento social**: ideias sobre as greves, formação de possíveis, processos de abstração reflexionante e generalização. Marília: UNESP, 2014.

SARAVALI, Eliane Giachetto; GUIMARÃES, Taislene; GUIMARÃES, Karina Perez; MELCHIORI, Ana Paula. Crenças envolvendo o não aprender: um estudo evolutivo sobre a construção do conhecimento social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 143-176, ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/edur/v29n3/aop_259.pdf. Acesso em: 26 jul. 2015.

_____. Desenhos sobre aprendizagem e não aprendizagem: a construção do conhecimento social sob o enfoque piagetiano. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 140-163, jul./dez. 2012.

_____. Um estudo evolutivo sobre as ideias de crianças e adolescentes a respeito do não aprender. 2011. **Relatório de Pesquisa-CNPq**. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

SARAVALI, Eliane Giachetto; GUIMARÃES, Karina Perez. Dificuldades de aprendizagem e conhecimento: um olhar à luz da teoria piagetiana. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 117-139, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1491/1136>. Acesso em: 5 maio 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SIERRA, Purificación; ENESCO, Ileana. La comprensión del acceso a distintas profesiones: un estudio evolutivo. *Infancia e aprendizagem*, Madrid, n. 16, p. 40-61, 1993.

SILVA, Márcia Onísia da. **Representações de crianças e adolescentes sobre trabalho numa perspectiva piagetiana**. 2009. 283f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Pós-Graduação Stricto Sensu em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2009.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Ms. Tania Paula Peralta
Instituto Federal do Paraná | Campus Londrina
Seção Pedagógica e de Assuntos Estudantis
Grupo de Pesquisa Processo de Escolarização no Cotidiano Escolar
E-mail | tpperalta@gmail.com



Profa. Dra. Francismara Neves de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina
Departamento de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Processo de Escolarização no Cotidiano Escolar
E-mail | francis.uel@gmail.com

Recebido 21 jun. 2017

Aceito 11 jul. 2017